

PESQUISA

TAXA REGISTRADA EM MARÇO PELO DIEESE NO DISTRITO FEDERAL FICOU EM 20,6%, A MAIOR VERIFICADA DESDE JULHO DE 2004

DF

Desemprego em alta

Maria Eugênia

A taxa de desemprego no Distrito Federal registrada em março ficou em 20,6%, a maior desde julho de 2004 (20,9%). Isso significa dizer que o número de brasilienses sem emprego fechou o primeiro trimestre do ano em 253,9 mil pessoas. Em relação a março de 2005, a taxa teve alta de 0,3 ponto percentual.

Os números, divulgados ontem pela Secretaria do Trabalho e pelo Dieese, são da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Além dos dados de março, foram anunciados os números de janeiro e fevereiro, que estavam atrasados em virtude de uma mudança na metodologia da pesquisa. Houve um incremento na amostragem, incluindo todos os condomínios, ampliando o número de entrevistados de 2,5 mil para 2,9 mil.

A dispensa dos temporários contratados pelos setores de comércio e serviços no final do ano foi o principal motivo apresentado pelo secretário do Trabalho, Ivo Borges. Ao todo, foram 19,1 mil demissões em março, sendo 16,1 mil apenas no comércio. O resultado só não foi pior por conta das contratações feitas no mês pelas empresas de construção civil. O segmento, aliás, abriu 10,8 mil vagas nos últimos 12 meses, um aumento de

34,6% no período.

Outro motivo para o aumento da taxa é o crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) do DF, que representa as pessoas que procuram emprego ou estão empregadas. De março de 2005 para março desse ano houve um ingresso de 43,3 mil pessoas no mercado de trabalho, o que significa uma alta de 3,6% no período.

Pessoas com mais de 40 anos de idade, do sexo masculino e sem experiência anterior de trabalho, integram a maior parte da massa de desempregados. Em março, a falta de trabalho afetou todas as classes sociais e moradores de todas as regiões administrativas do DF.

Rendimento

Quanto ao rendimento do trabalhador brasiliense, a pesquisa mostrou um incremento de 2,6% na comparação fevereiro e janeiro, e de 1,1% nos últimos 12 meses. O rendimento médio ficou em R\$ 1,3 mil, puxado, principalmente, pelos salários pagos no setor público. "São novos concursados entrando com melhores salários", explica Antônio Ibarra, um dos coordenadores da PED.

Para o secretário Ivo Borges, não há motivos para preocupação. Segundo ele, o desempenho de março reflete a sa-

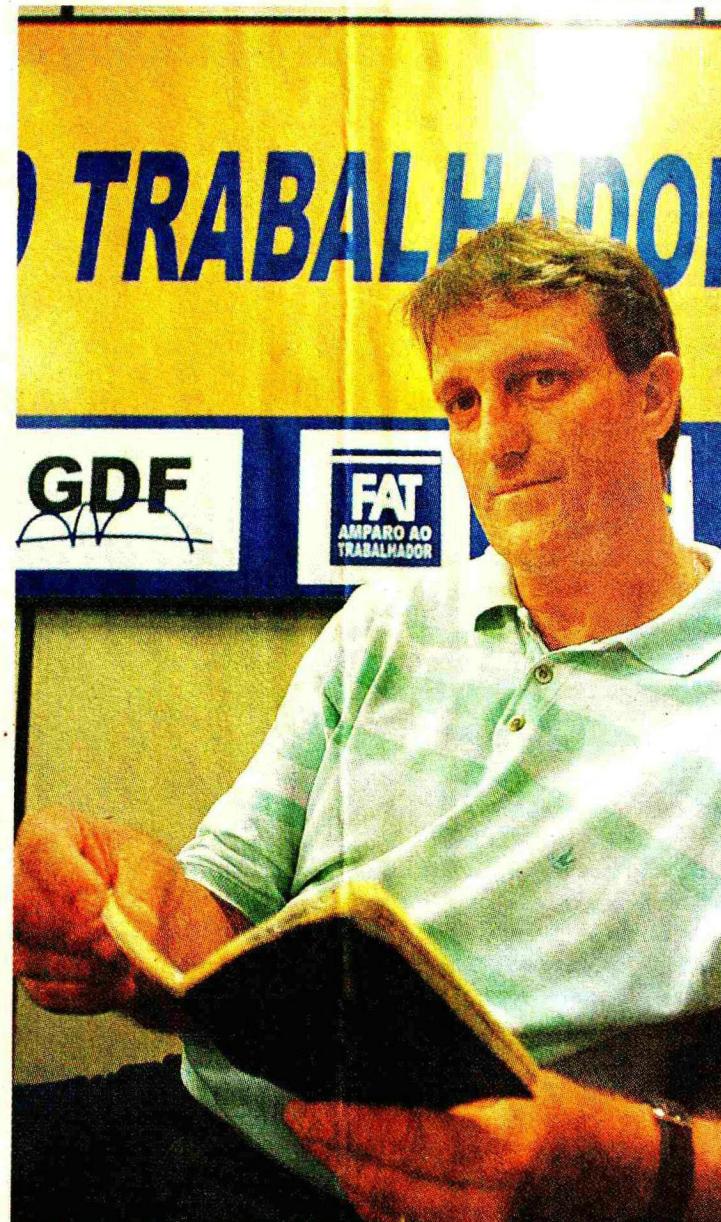
zonalidade das dispensas dos contratos temporários e rapidamente haverá oferta de novas vagas. "Somente o GDF tem um pacote com 450 obras", destaca. Além disso, Borges destacou que de janeiro a março deste ano foram abertas 1.678 novas empresas no DF e apenas 125 fecharam as portas.

As eleições de outubro, a Copa do Mundo e o Dia das Mães são outros eventos citados pelo secretário que devem estimular a abertura de novos postos de trabalho. "Sem falar na Cidade Digital, que deve abrir 40 mil vagas", lembra.

Além disso, a secretaria pretende aquecer o mercado de trabalho com os recursos do Fundo de Geração de Renda (Funger), que só este ano tem orçamento de R\$ 30 milhões. O dinheiro é destinado ao microcrédito, para estimular a formalização das atividades. A novidade é que para estimular os tomadores de empréstimo, as taxas de juro serão reduzidas a partir da próxima semana, passando de 1,02% ao mês para 0,88% no caso de investimento, e de 1,20% para 1,10% para capital de giro.

A expectativa é que o fundo permita a criação de 21 mil novas ocupações. Com isso, Ivo Borges espera que a taxa de desemprego chegue ao final do ano em 16%.

CRISTIANO MARIZ



CARLOS SCHEIN, 38 ANOS, VAI RECORRER AO SEGURO-DESEMPREGO

Sem trabalho há dois meses

Entre os 253,9 mil desempregados brasilienses está Carlos Alberto Schein, 38 anos. Ontem, ele aproveitou o "tempo livre" para dar entrada na documentação do seguro-desemprego. Demitido há dois meses, ele dá os primeiros passos em busca de uma nova ocupação. "Acabei de cumprir o aviso prévio", diz o trabalhador gaúcho, que há dez anos mora em Brasília. Carlos Alberto veio para o Distrito Federal para trabalhar no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Tecnológico, Educacional e Associativo (Ibraes).

Depois de sair do instituto, ele exerceu várias funções relacionadas a administração, vendas e coordenação de equipes. No último emprego, ele foi promotor de vendas durante um ano e meio. "Agora, é achar um novo trabalho, pois em Brasília não tem muita indústria. O forte aqui é emprego público mesmo", comenta.

Há dois anos, Carlos e a mulher financiaram um apartamento em Águas Claras pela Caixa Econômica Federal. O casal vai pagar uma prestação de R\$ 750 mensais durante 20 anos. "Ainda bem que minha mulher trabalha também. Essa é a nossa salvação", conta.